

## **Mal-Estar Docente:** reflexões sobre os desconfortos presentes no desempenho da profissão

Terezinha do Socorro Lira Pereira<sup>1</sup>

Alessandra Lima Aguiar<sup>2</sup>

Sinara Almeida da Costa<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo investigar alguns referenciais que apontam as ocorrências do mal-estar docente, uma vivência há muito tempo recorrente, que somente nos últimos anos iniciaram-se os estudos e atenção voltados para este tema. Este trabalho pauta-se em uma pesquisa bibliográfica, por meio de referenciais teóricos, que abordam o tema, bem como conceitos, fatores que contribuem e as atitudes dos professores diante desse mal-estar. A expressão mal-estar docente, embora exista há vários anos, do ponto de vista epistemológico, nunca foi vista como objeto de estudo pela ciência. Somente nas últimas décadas, alguns pesquisadores dedicaram seus estudos a esta abordagem. Atualmente, percebe-se que alguns autores estão preocupados em centralizar e explicar as bases de estudo sobre este assunto. De acordo com Esteve (1999), a expressão mal-estar docente é empregada para descrever os efeitos permanentes, de caráter negativo, que afetam a personalidade do professor, resultantes das condições psicológicas e sociais em que exercem a docência, no contexto de mudanças sociais aceleradas, no que tange à educação.

**Palavras-chave:** Mal-estar. Professor. Desassossego

---

1 Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFOPA. E-mail: socorro.lira.ufopa@gmail.com.

2 Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFOPA. E-mail: alessandralimaaguiar@gmail.com.

3 Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFOPA. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: sinaraacs@hotmail.com.

**Being an ill-Teacher:** reflections on the discomforts present in the performance of the profession

## **ABSTRACT**

The present study aims to investigate some references that point to instances of teacher malaise, an experience recurring long time, but only in recent years started the studies and attention toward this subject. This work is guided on a bibliographical research, through theoretical frameworks that address as well, concepts, contributing factors and attitudes of teachers on this malaise. The teacher malaise expression, although existing for several years, from the epistemological point of view, has never been seen as an object of study for science. Only in recent decades, some researchers have devoted their studies on this approach. Currently, it is clear that some authors are concerned to centralize and explain the study bases on this. According to Esteve (1999), teacher malaise expression is used to describe the permanent effects of negative character, which affect the teacher's personality resulting from psychological and social conditions in which they are teaching, in the context of accelerated social change, with respect to education.

**Keywords:** Profession. Teacher. Unrest

**Malestar docente:** reflexiones sobre los malestares presentes en el ejercicio de la profesión

## **RESUMEN**

El presente estudio tiene como objetivo investigar algunos referenciales que apuntan a los casos de malestar docente, una experiencia recurrente desde hace mucho tiempo, pero sólo en los últimos años empezaron los estudios y la atención devuelta para este tema. Este trabajo está guiado en una investigación bibliográfica, a través de marcos teóricos, que abordan el tema, así como los conceptos, factores que contribuyen y las actitudes de los maestros delante de ese malestar. La expresión malestar docente, aunque exista desde hace varios años, desde el punto de vista epistemológico nunca ha sido vista como objeto de estudio para la

ciencia. Solamente en las últimas décadas algunos investigadores han dedicado sus estudios sobre este enfoque. Actualmente, está claro que algunos autores están preocupados en centralizar y explicar las bases de estudio sobre tema. Según Esteve (1999), la expresión malestar docente se utiliza para describir los efectos permanentes, de carácter negativo, que afectan la personalidad del maestro, resultante de las condiciones psicológicas y sociales en que ejercen la docencia, en el contexto de cambios sociales acelerados, con respecto a la educación.

**Palabras clave:** Malestar. Maestro. Desasosiego

## **Introdução**

Atualmente, o ofício de ensinar tornou-se um desafio para os profissionais da educação frente aos paradigmas trazidos pelas políticas e organismos educacionais. Com tantos desafios a serem enfrentados, o profissional da educação sente a necessidade de rever suas práticas pedagógicas, analisar suas competências e a eficácia da relação ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que desenvolve um sentimento de impotência diante das cobranças que lhes são impostas.

Com uma grande demanda de atividades a serem cumpridas e de resultados a serem obtidos como resposta às cobranças dos sistemas de ensino, é inevitável que esse profissional fique imune diante da conjuntura das mudanças sociais e das “obrigações” que precisa cumprir a respeito do seu ofício. É nesse cenário que a situação de mal-estar do docente surge como uma reação a um problema que até determinado momento parecia oculto.

Desse modo, a atual conjuntura do ofício docente apresenta uma realidade resultante de grandes transformações sociais e mudanças de paradigmas que nem sempre os professores estão preparados para enfrentá-las. Como parte dessa realidade, destacam-se: os profissionais desenvolvendo longa jornada de trabalho, pois precisam garantir as mínimas condições de sobrevivência em função do baixo salário que recebem; as dificuldades para participar de cursos de formação continuada, pois o excesso de atividades

os impede de prosseguirem sua formação; e a rotina de trabalho cansativa e desmotivante que, até certo ponto, torna-se alienante em razão da repetição das atividades.

## **Mal-Estar Docente**

Antes de falar sobre o mal-estar docente, é interessante frisar como aconteceu o processo da formação de professores durante a expansão do ensino ocorrido no Brasil, a fim de compreender todo o percurso histórico, as condições, as necessidades dos professores, assim como as exigências do estado a essa classe muitas vezes vista como proletária. Fatores estes que contribuíram para gerar a conjuntura do mal-estar no magistério.

Como se sabe, o processo de ensino no Brasil ganhou maior sentido após a vinda da família real, pois foi a partir desse período que a educação e a cultura no País tomaram novo impulso, sendo construídas as primeiras instituições de ensino. Assim, começa-se a enxergar sutilmente uma preocupação com o ensino e com a formação dos educadores da nação.

Todavia, é a partir da independência, ou melhor, após esta que a questão da preparação dos professores é intensificada, como mostra Saviani (2009, p.143) ao distinguir os seguintes períodos na história da formação de professores no Brasil:

- Ensaios intermitentes de formação de professores (1827-1890) – desde o período colonial até a criação dos cursos superiores instituídos com a vinda da família real, não se manifestava interesse com a formação dos professores. É só a partir de 1827, por meio da Lei das Escolas de Primeiras Letras, que se começou a dar uma atenção a essa questão. Segundo a referida lei, os professores deveriam se aperfeiçoar num método para manter sua condição de docente e, conseqüentemente, seu lugar no estabelecimento de ensino.

Com a criação das Escolas Normais no país (influência europeia), a formação específica para lecionar nas séries primárias passou a ser exigida pelo Estado.

- Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932). Nesse período, continuam as exigências pela formação adequada àqueles que lecionavam. Foi estabelecido, por meio de uma reforma do estado de São Paulo, em 1890, que somente professores bem instruídos nos modernos processos pedagógicos poderiam promover um ensino eficaz. Ainda segundo Saviani (2009), essa reforma foi marcada por dois vetores: o enriquecimento dos conteúdos curriculares e a ênfase nos exercícios práticos de ensino. Dessa forma, acreditava-se que se estariam formando profissionais da educação com excelência. Vale frisar que essa reforma estendeu-se por todo o país, pelas secretarias de ensino de todos os estados, garantindo a todo professor um preparo específico para o ofício.
- Organização dos Institutos de Educação (1932-1939) – esse período caracterizou-se pela não continuação da reforma anterior, abrindo nova fase com a implantação dos institutos de educação. A Escola Normal passou a ser denominada de Escola de Professores, a qual possuía currículo rico de conteúdos e técnicas de ensino para aprimoramento do professor. Verifica-se nesse processo a consolidação do modelo pedagógico-didático de formação docente.
- Organização e implantação dos cursos de pedagogia e de licenciatura e consolidação do padrão das Escolas Normais (1939 -1971) – os institutos acima foram elevados ao nível universitário, tornando-se base dos estudos superiores de educação. A partir de então, estavam consolidados os cursos de formação de professores da educação básica (escola primária e secundária). Destaca-se nessa fase a dualidade desses cursos de formação em: cursos de licenciaturas centradas nos conteúdos cognitivos e curso de didática, centrado no aspecto pedagógico-didático.
- Substituição da Escola Normal pela habilitação específica de Magistério (1971-1996) – com a mudança política no governo, bem como o golpe militar de 1964, houve alterações

no âmbito da educação, alterando-se a legislação acerca do ensino primário e médio (primeiro e segundo graus). Nessa conjuntura, as Escolas Normais desaparecem, ficando somente 1º e 2º graus e o curso de magistério. No entanto, essa formação garantia ao professor lecionar até a 6ª série do 1º grau. Para lecionar as últimas séries do 1º grau e as séries 2º grau, era preciso ter formação em curso superior. Para o curso de Pedagogia, além da formação de professor, tornou-se exigência possuir especialização em Educação para as funções de diretor, orientador e supervisor escolar.

Saviani (2009) destaca que, apesar de todas essas mudanças no processo educacional, não há ainda um modelo ou plano pedagógico que satisfaça as reais necessidades enfrentadas por esses protagonistas da educação.

Com esse breve histórico sobre o processo de ensino e de formação de professores, verifica-se que, cada vez mais, passou-se a exigir maior responsabilidade no ofício, bem como aumento da demanda de atividades, além de mais qualificação desse profissional. Contudo, apesar de todas essas exigências cobradas, não se veem políticas de incentivo, de apoio e de reconhecimento a este protagonista tão importante na educação do País.

Diante dessas transformações e paralelamente à função do ofício de ensinar, surge uma reação de aspecto psicológico (emocional) a um problema que até determinado momento parecia oculto, o chamado **mal-estar docente**.

A expressão mal-estar docente, embora exista há vários anos, nunca foi estudada do ponto de vista epistemológico como objeto de estudo pela Ciência. Somente nas últimas décadas, alguns referenciais dedicaram estudos sobre este tema. Atualmente, percebe-se que alguns autores estão preocupados em centralizar e explicar as bases de estudo sobre este assunto.

Em Portugal, Jesus (1998) destaca-se entre os pesquisadores que têm trabalhado esta temática e, seguindo a mesma linha de pensamento de Esteve (1999), compreende que o conceito de mal-estar docente é um fenômeno que sofre influência de fatores sociopolíticos,

pessoais e da formação profissional. Reconhece que as mudanças sociais que ocorreram, especialmente na segunda metade do século XX, influenciaram a educação e contribuíram para a desvalorização do papel do professor. Entre outras mudanças, Jesus (1998) destaca:

**a)** A era da informação – no passado, a transmissão de conhecimentos era atribuída ao professor, atualmente à mídia e à internet, entre outros, assumiram também esta função.

**b)** A democratização do ensino – a escola passou a ser obrigatória, aumentou o número de alunos e também de professores, porém a formação docente não correspondia às necessidades e muitos entraram para a área da educação mesmo sem a identificação pessoal com a profissão docente.

**c)** As novas exigências – além da aquisição constante de novos métodos e técnicas de ensino, o professor assume a função educativa que antes era da família e ainda se responsabiliza por atividades extraclasses, reuniões, preparação de aulas, correção de atividades e avaliações de alunos, entre outras.

**d)** A falta de materiais – nem sempre é possível concretizar o almejado, visto que as salas normalmente são lotadas, com poucos recursos físicos e materiais, além da falta de investimento na formação docente.

**e)** O salário – outras áreas ou profissões com o menor ou igual nível de formação costumam ganhar muito mais que o professor, refletindo no próprio status da profissão docente. Podemos observar que várias mudanças ocorreram na sociedade e, conseqüentemente, no âmbito escolar, que acabaram por interferir no trabalho e na vida pessoal dos professores, resultando num estado de mal-estar docente. Isso nos leva a crer que a promoção do bem-estar dos professores também passa por iniciativas amplas, no sentido de atribuir maior valor a este trabalho, que é tão imprescindível para toda sociedade.

Para Esteve (1999), a expressão mal-estar docente é empregada para descrever os efeitos permanentes, de caráter negativo, que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exercem a docência, em razão da mudança social acelerada. Algumas dessas mudanças refletem diretamente na prática

do professor em sala de aula; por isso, desenvolvem, nesse profissional, sentimentos negativos capazes de modificar o desempenho do seu trabalho.

Ao abordar este tema, Lantheaume (2012) refere-se ao mal-estar docente como um tema de discursos públicos e midiáticos há mais de dez anos, que está associado à resistência dos professores com relação às novas expectativas trazidas pelo sistema educacional para as práticas docentes. Na concepção desta autora, os profissionais da educação são resistentes às mudanças propostas pelo sistema educacional porque eles não seriam capazes de corresponder ao processo evolutivo dos saberes. Esta situação é considerada por Esteve (1999) como uma situação de desajuste profissional diante das mudanças sociais e novas expectativas com relação ao sistema educacional.

No tópico seguinte, discute-se, segundo a visão desses autores, as razões que levam a esse mal-estar, o que está por trás do ofício de ensinar capaz de levar o professor a um estado de desânimo, de decepção e, muitas vezes, até de depressão.

### **Fatores responsáveis**

Nos últimos anos, tem-se colocado uma forte pressão sobre a pessoa do professor. Com as mudanças na política e, conseqüentemente, no sistema de ensino, tem-se atribuído uma responsabilidade muito grande à escola (e ao professor), pois agora a escola não tem somente a função de formação cognitiva do aluno, mas também a formação pessoal e profissional. Segundo Derouet (1992 apud LANTHEAUME, 2012, p. 370), “os pais e as autoridades políticas não querem apenas que os professores sejam eficazes em matéria de desempenho dos alunos, esperam também que favoreçam seu desabrochar pessoal, a construção de sua personalidade e sua inserção profissional”.

Para Nóvoa (apud Silva, 2011, p.2), os fatores do mal-estar docente também estão relacionados ao contexto social e cultural dos alunos responsáveis pelos dilemas enfrentados não somente pelos professores, mas também pela escola. Ressalta que são dilemas novos e que estão focados na relação humana e relacional do ensino ligados

ao nível de agressividade dos alunos, à falta de postura, respeito aos professores e aos próprios colegas e ainda à falta de perspectivas que os leva ao desinteresse quase que total pelos estudos. Segundo o autor, esses dilemas são enfrentados silenciosamente no interior da escola.

Silva (2011, p. 2) relaciona as dificuldades dos professores em lidar com os dilemas da escola, causadores do mal-estar docente, a impotência e as dificuldades dos próprios pais ao lidar com a falta de limite das crianças e jovens. Diante dessa impotência, acabam transferindo para a escola os valores básicos que antigamente eram transmitidos pela família. “Esse mal-estar leva ao estresse e esgotamento profissional que, somados à acumulação de exigências sobre o professor, desencadeiam a síndrome de *burnout*”. Segundo Silva, os estudos de Codo (2006), com base na literatura internacional, apontam que a síndrome de *burnout* está associada a uma “resposta do estresse laboral crônico”, mas não deve ser confundido com o mal-estar docente vivenciado pelos professores.

Camana (2007 apud Silva, 2011, p. 4) ressalta que o sofrimento do professor é um fato socialmente importante, pois além de afetar um número significativo de profissionais traz sérias consequências. A autora critica o “fato de ser pouco divulgado o momento profissional marcado pelo desprazer, pelo mal-estar agudo, muitas vezes velado por um diagnóstico médico”. Em razão da proximidade dos sintomas e causas, há um consenso entre os pesquisadores de que as abordagens sobre mal-estar e *burnout* ganhem um enfoque interdisciplinar e que tanto a Sociologia como a Psicologia podem contribuir para essa abordagem.

O contexto atual da profissão docente é caracterizado pela formação do perfil de uma nova escola com competências para lidar com todas as exigências requeridas pela sociedade e trazidas pela tecnologia da informação e comunicação. Para Libâneo (apud Silva, 2011, p. 7), “trata-se, assim, de capacitar os alunos a selecionar informações, mas, principalmente, a internalizar instrumentos cognitivos (saber pensar de modo reflexivo) para aceder ao conhecimento”.

Ainda na concepção de Libâneo (apud Silva, 2011, p. 7), uma nova escola exerce muito mais exigências sobre o professor. Exige várias atitudes desses profissionais. Dentre essas atitudes, o autor destaca:

- Assumir o ensino como mediação: aprendizagem ativa do aluno com a ajuda pedagógica do professor.
- Modificar a ideia de uma escola e de uma prática pluridisciplinar para uma escola e uma prática interdisciplinar.
- Conhecer estratégias do ensinar a pensar, ensinar a aprender a aprender.
- Persistir no empenho de auxiliar os alunos a buscarem uma perspectiva crítica dos conteúdos, a se habituarem a apreender as realidades enfocadas nos conteúdos escolares de forma crítico-reflexiva.
- Assumir o trabalho de sala de aula como um processo comunicacional e desenvolver capacidade comunicativa.
- Reconhecer o impacto das novas tecnologias da comunicação e informação na sala de aula (televisão, vídeo, games, computador, internet, CD-ROM etc.).
- Atender à diversidade cultural e respeitar as diferenças no contexto da escola e da sala de aula.
- Investir na atualização científica, técnica e cultural, como ingredientes do processo de formação continuada.
- Integrar no exercício da docência a dimensão afetiva.
- Desenvolver comportamento ético e saber orientar os alunos em valores e atitudes em relação à vida, ao ambiente, às relações humanas, a si próprios.

A sobrecarga de demandas que o professor precisa cumprir acarreta problemas na saúde desse profissional durante o desempenho de sua profissão. Alguns profissionais, principalmente aqueles mais dedicados, são os que mais sofrem o impacto do excesso de cobranças porque logo perceberam o distanciamento entre aquilo que era considerado ideal e o que seria possível realizar considerando os desafios vivenciados no cotidiano da escola e da profissão.

Além disso, Esteve (1999, p.98) aponta que “um elemento importante para desencadear esse mal-estar docente é a falta de apoio e as críticas da sociedade em relação às tarefas educativas, tentando fazer do professor o único responsável pelos problemas do ensino, quando estes são problemas sociais que requerem soluções sociais”.

Observa-se que a família e a sociedade estão atribuindo a responsabilidade de formação geral do indivíduo à escola, como se a escola sozinha fosse a responsável pela educação integral da criança e também pela educação familiar.

Esteve (1999) destaca ainda dois grupos de fatores que ocasionam essas mudanças acerca da função docente: fatores de primeira ordem e fatores de segunda ordem. O primeiro diz respeito às ações do professor na sala de aula, bem como às mudanças do desempenho do ofício, ocasionando, assim, certa tensão e emoções negativas. O segundo, de segunda ordem, está relacionado com o contexto em que a docência é praticada, com as condições ambientais. Embora este fator não esteja diretamente ligado à emoção do professor, ele afeta a sua motivação para praticar a docência.

Para compreender melhor esses fatores, o autor citado enumera doze indicadores que resumem as mudanças recentes na educação, em que os nove primeiros se reportam ao contexto social docente e à atuação do professor; e os três últimos, reportam-se às variações intrínsecas ao trabalho escolar. Cada um desses indicadores serão vistos no tópico seguinte.

### **Aumento das exigências em relação ao professor**

Como já dito antes, as atribuições incumbidas ao professor têm aumentado. O que não tem mudado, no entanto, é o processo de formação docente, pois alguns componentes curriculares estão defasados, considerando as transformações ocorridas no mundo atual. Esteve (1999) corrobora essa afirmação dizendo que:

Apesar de se exigir que os professores cumpram todas essas novas tarefas (pedagogo eficaz, organizador do trabalho em grupo e que além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual), é interessante observar que não houve mudanças na formação de professores. Os mesmos continuam a ser formados de acordo com os velhos modelos normativos (ESTEVE, 1999, p.100).

Observamos, portanto, uma incoerência nas ações governamentais. O governo, juntamente com a sociedade, cobra do professor um perfil mais eficaz e produtivo; no entanto, não dá condições para esse profissional se preparar. Essa é uma das fortes razões que leva ao desânimo do professor, uma vez que este se vê incapaz diante de algumas “surpresas” que encontra na profissão.

### **Inibição educativa de outros agentes de socialização**

Uma das razões que têm contribuído para incumbir a educação integral da criança à escola é o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho. Com menos horas de convívio com os filhos, os genitores (a família) têm atribuído mais responsabilidades educativas, inclusive valores morais, à pessoa dos professores.

### **Desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola**

Diante de tantos meios de comunicação e informação, o professor deve saber que não é – nem simboliza mais – a única fonte de informação, devendo, dessa forma, agir de modo não mais como mero transmissor de conhecimentos, mas sim como um facilitador, um mediador, orientador entre o aluno e o ensino. Assim, “ele enfrenta a necessidade de integrar no seu trabalho o potencial informativo destas novas fontes, modificando o seu papel tradicional” (ESTEVE, 1999, p.101).

### **Ruptura do consenso social sobre educação**

Tem-se desfeito o consenso social sobre os objetivos das instituições escolares e sobre os valores que devem confrontar. Nesse sentido, o que antes havia como “padrão” – um acordo básico de valores a ser transmitido nas escolas – hoje os professores se encontram perante uma socialização divergente. Esteve (1999, p.102), destaca que a “escolarização plena implica a integração nas turmas de diferentes sensibilidades culturais e linguísticas”. Dessa forma, o professor encontra-se desajustado ao ter que se deparar com variedades

culturais. Além disso, enfrenta as dificuldades de se confrontar cada vez mais com diferentes modelos de socialização (multicultural e multilíngue).

### **Aumento das contradições no exercício da docência**

Em virtude do fator anterior, têm-se aumentado as contradições no exercício da função docente, uma vez que não foi possível integrar nas escolas as exigências divergentes em decorrência dos variados modelos educativos. Isso faz com que o professor seja constantemente criticado, seja por sua metodologia, seja por seus valores ou por suas crenças.

### **Mudança de expectativas em relação ao sistema educativo**

O ensino tem se expandido nos últimos anos, deixado de se restringir a uma classe de elite e tem se democratizado para toda população. Por um lado, tornou-se um ensino mais integrador e flexível. Por outro, mostrou-se incapaz de assegurar, em todas as etapas do sistema, um trabalho adequado ao nível do aluno.

A consequência disso é a desmotivação do aluno para estudar, e claro, do professor para ensinar. Essa evolução e democratização do ensino fizeram mudar as atitudes dos protagonistas da educação, os quais tiveram de se adaptar à mudança e mudar suas expectativas em relação ao sistema de ensino. Hoje, é exigido cada vez mais formação do indivíduo, não sendo suficiente apenas uma graduação diante da nova conjuntura.

### **Modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo**

A situação anterior levou ao descrédito do ensino por parte dos pais e também da sociedade. Os pais sentem-se apreensivos com o futuro dos filhos e a sociedade chegou à conclusão de que os professores são os responsáveis diretos pelos fracassos e imperfeições que existem no sistema educativo. Isso demonstra a falta de apoio e de reconhecimento ao trabalho árduo do professor.

## **Menor valorização do professor**

Antes o professor era mais bem visto e valorizado. Hoje, resgata-se ainda, raramente, esse status ao professor universitário. Apesar disso, como aponta Esteve (1999), muitos pais enxergam a pessoa do professor como incapaz de conseguir ou ter conseguido um emprego melhor. E, não coincidentemente, o salário do professor ajuda a consolidar esse pensamento, tornando a profissão discriminada e pomenorizada. É por isso que muitos professores saem da profissão em busca de “melhoras” financeiras e psicológicas.

## **Mudança dos conteúdos curriculares**

O advento da tecnologia, da ciência e as constantes transformações na política exigem uma mudança considerada nos conteúdos dos currículos escolares. Além disso, em meio a tantas mudanças e variadas fontes de informação, não é estranho o professor se sentir inseguro, receoso e arisco. O problema, porém, é que nem todo professor está disposto a se adequar a essas inovações. Esteve (1999) destaca que alguns professores se opõem à mudança por preguiça, pois não estão dispostos a abandonar as matérias que sempre ensinaram.

## **Escassez de recursos materiais**

A escassez de material mostra-se como um dos fatores principais que fomentam o mal-estar docente. A sociedade exige ensino de qualidade, e os professores sentem-se pressionados em propor este ensino ao mesmo tempo em que acusam a inexistência dos meios e recursos necessários à renovação metodológica escolar.

## **Mudança nas relações professor-aluno**

As relações professor e aluno sofreram mudanças significativas nos últimos tempos. Antigamente, o professor era o detentor do conhecimento, tinha todo o respeito merecido, e o aluno obedecia sem questionar. Hoje, a situação mudou. O conhecimento é acessível ao

aluno por outras fontes de informação, podendo o aluno chegar à escola e interrogar o professor sobre assuntos diversos; há uma liberdade maior hoje para essas indagações que há tempos atrás.

Além disso, verifica-se uma falta de respeito maior também, pois essa “liberdade” permitiu ao aluno agredir verbalmente professores, diretores e colegas de aula. Isso levou à geração de muitos conflitos, fazendo com que muitos educadores abandonassem a carreira por não saber lidar com essa situação íngreme.

### **Fragmentação do trabalho do professor**

Tem-se observado nos últimos tempos a fragmentação do trabalho do professor, em virtude das inúmeras funções que ele exerce. Além de ser docente (o que já causa grande demanda de tempo), o professor precisa dar conta de tarefas administrativas, reservar tempo para avaliar, reciclar-se, orientar os alunos e atender aos pais e, ainda, assistir às reuniões da escola e encontros pedagógicos. Isso sugere a ideia de que o professor está sobrecarregado de trabalho, levando a essa fragmentação, que é um dos problemas da qualidade de ensino.

### **A atitude dos professores diante desse mal-estar**

Diante dos indicadores acima, das mudanças sociais e do sistema educacional, os profissionais tentam buscar soluções como tentativas de continuar sua prática e enfrentar o desajustamento na profissão ocasionado pelas transformações que interferem, principalmente, nos educadores e no ambiente escolar.

Suas atitudes se apresentam como forma de sobrevivência na profissão, principalmente por parte de professores novatos que, segundo Esteve (1999), sentem o “choque com a realidade” ao entrarem na profissão docente. Segundo o autor, esse choque com a realidade vivenciado pelos novos professores ocorre quando eles constatarem que a prática real do ensino não corresponde aos ideais obtidos durante a sua formação, ocorrendo, portanto, uma ruptura da imagem ideal do ensino concebida nos cursos de formação.

Apesar do mal-estar, dos desajustes e da sobrecarga de exigências sobre os professores, muitos profissionais preferem continuar na profissão e se realizam prazerosamente no ofício docente. Paralelamente à sua prática, esses profissionais buscam soluções para superar as dificuldades e as provas do ofício impostas a eles.

Lantheaume (2012) aponta que, no estado de “desassossego”, considerado pela autora como a marca permanente do ofício do professor, esses profissionais buscam solucionar e controlar os problemas enfrentados por eles.

Para ela, as soluções que os professores buscam para contornar os problemas da profissão apresentam-se como forma de resistência às novas mudanças e aos desafios diários. Dentre as soluções apontadas pela autora estão:

- A introdução de variações nas atividades. Refere-se ao esforço que os professores fazem para trabalhar bem apesar de todas as dificuldades, uma forma de amenizar as dificuldades e dar sentido ao trabalho.
- Arte de frear suas atividades em relação às demandas. Esta situação ocorre no momento em que, embora não fique explícito, alguns professores se recusam a um pedido dos pais de aumentar o número de avaliações. Usam como estratégia o desmembramento de notas entre os deveres já programados. Com relação às tarefas que não fazem parte de cobranças estatutárias, os professores deixam-nas de fora de suas atividades com a justificativa de que já estão sobrecarregados de trabalho.
- Prática de atribuir classes e horários mais problemáticos aos professores novatos. Para a autora, esta é uma estratégia coletiva que aponta uma falha de regulação coletiva e ao mesmo tempo uma proteção individual dos professores na relação de trabalho.
- O professor deve “endurecer” diante das demandas contraditórias, das injunções paradoxais, das agressões e das decepções. Neste sentido, a autora aponta, a partir do relato de um professor envolvido em sua pesquisa, que em

determinadas situações o professor necessita “blindar-se” frente ao ideal do seu ofício e a realidade vivenciada.

- Modificar a ordem das responsabilidades. Segundo a autora, esta tentativa de solução ocorre quando os professores, numa tentativa de suportar o fracasso vivenciado na escola e o sentimento de impotência pedagógica, transferem a responsabilidade para os diversos responsáveis: “o sistema”, a origem cultural dos alunos, a sociedade, a televisão etc. Para os profissionais, a ideia é uma fuga que visa preservar sua autoestima e suportar a constatação do fracasso escolar.
- Via de adaptação às novas normas de trabalho. A autora ressalta que essa adaptação está relacionada com todas as dimensões do ofício: os saberes, os dispositivos pedagógicos, as relações profissionais. É uma tentativa de negociar e começar a partir de uma nova ordem escolar disciplinada e pragmática relacionada aos ajustes necessários na profissão. A autora cita Guy Bajoite (1988 apud LANTHEAUME, 2012, p. 377) para dizer que esta tentativa de solução é uma espécie de apatia em forma de adaptação. Adaptar a regra, modificá-la, revitalizá-la, reinterpretá-la, criar outras regras, negociar as situações e as normas como uma perspectiva pragmática pode ser uma das saídas para os professores continuarem e enfrentarem os desafios do ofício.

Zaragoza (1999, apud SILVA, 2011, p.5), ao realizar uma pesquisa sobre mal-estar docente, aponta que algumas características, combinadas, não permitem ao professor desenvolver prazerosamente o seu trabalho em sala de aula. Dentre essas características estão:

- 1) Sentimentos de desconcerto e insatisfação ante os problemas reais da prática do magistério, em franca contradição com a imagem ideal do mesmo que os professores gostariam de realizar.
- 2) Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal do trabalho realizado.
- 3) Desejo manifesto de abandonar a docência (realizado ou não).

- 4) Esgotamento. Cansaço físico permanente.
- 5) Ansiedade como traço ou ansiedade de expectativa.
- 6) Ansiedade como estado permanente, associada como causa-efeito a diversos; diagnósticos de doença mental.
- 7) Neuroses reativas.
- 8) Depressões.

Diante dessas situações, percebe-se a necessidade de o professor refugiar-se, de alguma forma, para não sofrer desse mal-estar. As atitudes descritas acima retratam algumas das “possíveis soluções” a que o docente recorre, a fim de manter a sua sobrevivência tanto física quanto psicológica, além de assegurar a responsabilidade e o compromisso com o ensino e com a educação.

## **Conclusão**

Como exemplificação, Oliveira (2006) compara a profissão docente com a *Síndrome de Sísifo* – referindo-se à condição degradante imposta ao mítico condenado por Zeus a rolar diariamente uma grande pedra para o cume de uma montanha; ao final do dia, a pedra voltava à base da montanha, tornando a tarefa interminável e eterna.

A representação social dos professores em relação ao seu próprio trabalho é descrita por Oliveira (2006) como uma profissão que, em determinados momentos, apresenta-se como dom ou uma missão gloriosa; em outros momentos, como um sacrifício acompanhado de uma repetição rotineira, de um profundo cansaço e a sensação de que seu trabalho parece interminável.

Nas condições de aceleração das mudanças sociais refletida diretamente em sua profissão docente, os professores utilizam-se de vários mecanismos que, em determinados momentos, tornam-nos submissos; resistem a todos os tipos de mudanças a eles impostas; envolvem-se pouco com as atividades desenvolvidas pela instituição onde trabalham, demonstrando um desengajamento, inclusive com as lutas de sua categoria profissional. Na sala de aula, às vezes, tentam introduzir atividades variadas e conteúdos diferenciados. Lantheaume (2012) aponta que todos esses artifícios utilizados pelos docentes são formas de fuga de uma realidade difícil.

No ápice do mal-estar, alguns professores fazem pedido de transferência para outras instituições de ensino, objetivando um novo começo e uma retomada de interesse pelo ofício. Outra forma de superar o desassossego diante da profissão é o professor aceitar o sofrimento, o mal-estar com a expectativa de eventuais mudanças.

Alguns autores enfatizam que no Brasil a profissão docente é vista como uma dura realidade; em algumas vezes essa dureza é revestida de perversidade, merecendo, inclusive, atenção das ciências humanas para ser melhor compreendida. Essa situação, consoante Lantheaume (2012), permite que o professor lide com duas situações: uma de crescimento do ego profissional quando ele sente-se valorizado e acredita que seu ofício é um chamado divino, uma doação, uma missão, expressa por meio da gratidão dos alunos. Outra em que o professor “apequena-se” ao aceitar a proletarização do seu trabalho imersa nas rotinas do cotidiano, abrindo mão da crítica, da reflexão, da sua condição de produtor de conhecimento e de pesquisador na sua própria ação.

Diante dessas situações expostas e com a não superação dos “desajustes” causados pelas mudanças sociais sobre a profissão docente e causadores do mal-estar, o futuro desses profissionais chega a uma situação mais grave que é o adoecimento durante o desenvolvimento de sua profissão. Esteve (1999) fala em um “ciclo de stress” que acompanha o docente durante todo o ano letivo de suas atividades e que são resultantes de tensões acumuladas, bem como de ações cotidianas praticadas na incerteza e que colocam a ética, a moral e a dignidade do professor à prova diante do seu ofício.

De acordo com Araújo e Sousa (2013), as dimensões do adoecimento do docente vão desde transtornos mentais a transtornos comportamentais. Segundo este autor, estudos apontam que os resultados de doenças relacionadas à atividade docente mostraram que a maior parte dos professores atribui a causa de seu adoecimento psíquico às questões relacionadas ao trabalho, à sobrecarga de atividades, às relações interpessoais com alunos, colegas de profissão e direção dos estabelecimentos de ensino nos quais desenvolvem seu ofício.

Dessa forma, as pressões não só relacionais, mas também emocionais às quais são submetidos os docentes durante seu trabalho

bloqueiam a atuação desse profissional, acarretando o surgimento de sofrimento psíquico, uma vez que as relações afetivas, cognitivas, emocionais e comportamentais parecem estar dissociadas e prejudicadas em razão do desajuste no desempenho de suas atividades.

A desvalorização da figura do professor e uma exigência maior de sua atualização em busca de melhorias acentuam, portanto, os efeitos desse desgaste físico e psicológico, incorrendo no absenteísmo, licenças recorrentes ou mesmo abandono da profissão. Hoje, o professor precisa de um esforço maior para ter valorização e reconhecimento do seu trabalho.

## Referências

ARAÚJO, L. M. B.; SOUSA, R. R. O adoecimento psíquico de professores da rede pública estadual: perspectivas dos docentes. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <[www.anpad.org.br/admin/pdf/2013\\_EnANPAD\\_GPR2266.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_GPR2266.pdf)>. Acesso em: 3 jun. 2015.

ESTEVE, J. M. Mudanças Sociais e Função Docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 1999.

LANTHEAUME, F. Professores e dificuldades do ofício: preservação e reconstrução da dignidade profissional. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 368-387, maio/ ago. 2012. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/v42n146/v42n146a04.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2015.

OLIVEIRA, E. S. G. de. O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. **Ciênc. Cogn.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, mar. 2006. Disponível em: <[www.cienciasecognicao.org/pdf/v07/M31677.pdf](http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v07/M31677.pdf)>. Acesso em: 30 maio 2015.

SAVIANI, D. Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf)>. Acesso em: 1 jun. 2015.

JESUS, S. N. **Bem-estar dos professores:** estratégias para realização e desenvolvimento profissional. Porto Codex – Portugal: Porto, 1998.

SILVA, O. G. M. A Silenciosa doença do Professor: Burnout ou Mal Estar Docente. **Revista Científica Integrada**. São Paulo, v. 1, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.unaerp.br/index.php/revista-cientifica-integrada/edicoes-anteriores/edicao-n-2-2014-1/1464-161-454-1-sm/file>>. Acesso em: 29 ago. 2015.